



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, para o programa “Esquenta!”, apresentado pela atriz Regina Casé

Rio de Janeiro-RJ, 21 de dezembro de 2010

Regina Casé: Você sabe qual é a coisa que eu acho mais legal, de todas que você fez? É fazer com que cada brasileiro, mesmo o menorzinho, deste tamanho, achasse que você é ele. Isso é que é o mais legal, eu acho, e eu presenciei isso algumas vezes. O cara, realmente, quando fala assim “o Presidente representa a nação, o Presidente representa cada brasileiro”, isso aí era uma coisa meio formal, meio vaga, que eu acho que ninguém do povo entendia isso, e mudou com o Lula. Eu estava no Morro do Cantagalo, uma vez e a gente se encontrou e a gente estava indo embora, assim, e aí tinha um monte de menorzinho daqueles, com a cabeça raspada – aqueles garotos que você acha que todos eles são irmãos, que têm um monte na favela, todos da mesma idade e de cabelo raspado – e eles chegaram e falaram assim para este cara: “Olha aí, ô Lula, chega aí. Chega aí, Lula. Ô Lula, vem aqui, pô! Ô Lula, chega aí”. Aí o Lula foi e eu fui junto. Ele falou: “Deixa eu ver esse seu dedo aí. Deixa eu ver esse seu dedo aí, Lula. Vem cá, doe?” Lembra disso? Como é que foi esse negócio? Aí os caras examinando o dedo do Lula, olhando e falando: “Mas como é que foi?”. Aí o Lula contou tudo e aí eles faziam assim ó “Shhhhh, deve ter doído, né? Mas, vem cá...” e tal. “Então tá, tchau, Lula, valeu. Um beijo” e não sei o quê. Eu nunca tinha visto isso e eu acho que nunca o Brasil imaginou que isso pudesse acontecer. Essa é que eu acho que é a maior revolução, você não acha?

Presidente: Eu acho, Regina, que o grande legado que fica é o seguinte, é que o povo percebeu que um deles podia chegar lá.



Regina Casé: Isso!

Presidente: Porque esse mesmo povo tinha me derrotado duas vezes anteriormente porque ele tinha medo que um deles não soubesse fazer o que precisava ser feito no Brasil. Aí, de repente, eles criam consciência política, elegem um deles e um deles consegue fazer aquilo que eles imaginavam que não podiam fazer. Então, o que eu sinto é orgulho, o que eu sinto é que as pessoas estão mais orgulhosas, as pessoas estão com a autoestima à flor da pele, as pessoas estão gostando mais de si, as pessoas estão acreditando mais em si, as pessoas têm mais esperança. As pessoas, quando me veem... eu, às vezes, fico pensando: a gente briga tanto para ser presidente, para ser chamado de Vossa Excelência, de Excelência, e eles me chamam de Lula, na maior cara de pau. Eu vou lá em São Bernardo e me chamam de baiano, ainda, ou seja, não têm o menor respeito. Eu acho isso, acho isso fantástico. Eu acho... essa coisa de eles pegarem na minha mão e falarem “estou pegando na mão de um companheiro igual a mim, que comeu rapadura, que comeu farinha de mandioca igual a mim, que tomou água barrenta”, é isso que eu acho que é o grande legado que vai ficar para este país.

Regina Casé: E eu acho que isso empurra mais gente...

Presidente: É que o povo descobriu...

Regina Casé: ...para o alto, isso empurra mais gente para cima, isso aumenta a classe C muito mais do que qualquer economia. É porque o cara acha que ele pode fazer, ele acha que... pô, ele conseguiu, eu também vou conseguir.

Presidente: Você sabe, ô Regina, que em dezembro de 2008, dia 22 de



dezembro, eu tinha lido, na véspera, uma matéria nos jornais sobre a crise americana e a crise europeia, e eu fiquei assustado, porque a manchete era que o consumo estava diminuindo, que o povo estava com medo de consumir porque ia perder o emprego, não ia poder pagar. Eu liguei para o ministro Franklin e falei: Franklin, eu quero entrar em rede nacional de televisão, que eu quero fazer apologia do consumo. Aí fui para a televisão gravar um programa de oito minutos para dizer: Ó, você tem que comprar. Se você não comprar, a empresa não produz; se a empresa não produzir, o comércio não vende; se o comércio não vende, você não compra; se você não compra, não gera emprego; não gerando emprego, não gera renda; não gerando renda, a desgraça toma conta do país. Então, vamos comprar com responsabilidade, gente. Realize o seu sonho. Compre somente aquilo que você pode pagar, e tomar cuidado com o mês de janeiro porque o mês de janeiro é pesado: você tem que pagar IPTU, IPVA, “IP” não sei das quantas. Parece que tudo vem para o mês de janeiro.

Então eu acho que essa coisa que está acontecendo no Brasil é que algumas pessoas ainda não querem entender: o povo está se “achando”.

Regina Casé: Está se “achando”!

Presidente: É, o povo está se “achando”!

Regina Casé: O povo está se “achando”...

Presidente: O Obama...

Regina Casé: ...e está...

Presidente: Se o Obama viesse ao Brasil e ele tivesse contato com o povo



brasileiro, ele ia falar: “Puxa vida, eu falei que esse Lula era “o cara”. Não é ele que é “o cara”, é o povo que... são milhões de “caras” que têm este país”.

Regina Casé: Então eu vou aproveitar para te perguntar. O Obama disse que você é “o cara”. Quem é “o cara” para você?

Presidente: Olha, eu acho que “o cara” é o povo brasileiro. Eu aprendi, Regina, eu convivi com esse povo, e eu acho que não tem povo no mundo, melhor. Não tem, não tem, não tem.

Regina Casé: Qual é a diferença da gente para os outros? Por que é que o Brasil tem essa singularidade, tem essa...? Por que é que a gente tem esse jeito...?

Presidente: Eu acho que é o cruzamento que permitiu a nossa espécie. A mistura de europeu, a mistura de africano, a mistura de índio, essa miscigenação deu...

Regina Casé: Você respondeu o Censo?

Presidente: Respondi.

Regina Casé: E quando você preencheu, qual a sua cor que você colocou?

Presidente: Eu sou branco.

Regina Casé: Não é, sabe por quê?

Presidente: Eu não sou loiro.



Regina Casé: Deixa eu te contar. Uma vez eu estava no Ilê Aiyê – sabe o Ilê Aiyê, do Vovô, da falecida Mãe Hilda, do Curuzu, da Liberdade, em Salvador, sou muito amiga deles –, aí eu fui lá e o Ilê Aiyê é um bloco afro que não pode desfilar nem quem é mulato, só quem é realmente negro (incompreensível). Então, ele abriu um pano e falou: “Regina, olha só que lindo o pano do Ilê Aiyê este ano. São só as maiores personalidades negras da história”. Aí tinha o Mandela, o Bispo Tutu e, no meio, tinha o Lula. Eu falei: vem cá, Vovô, o Lula é preto? Ele falou: “Claro que é, o Lula é negro!”. E todo o movimento negro acha isso, que você...

Presidente: É, mas, veja...

Regina Casé: Não, eu estou dizendo: isso é maravilhoso.

Presidente: Eu tenho uma interação com o movimento negro, também, muito forte. Eu acho, Regina, que é o seguinte: é melhor a gente ser bom. Custa menos para a gente ser bom, custa menos para a gente rir, custa menos para a gente ser alegre, custa menos para a gente fazer carinho nas pessoas, pegar na mão das pessoas, afagar as pessoas. É assim que eu aprendi a viver. É mais gostoso.

Regina Casé: Você aprendeu isso lá em Pernambuco, ainda?

Presidente: Eu aprendi isso na vida, na sobrevivência. Eu aprendi que... por exemplo, hoje, no Sindicato de São Bernardo, você não distribui mais jornal porque se conquistou tanta coisa, que você coloca o pacote de jornal na linha de montagem e a peãozada pega. Você não precisa mais entregar, ficar lá panfletando. A peãozada pega na linha de montagem. Vai passando o jornal,



cada um vai pegando o seu. Eu, se fosse para o sindicato, eu acabaria com isso e voltaria e entregar jornal, porque o legal é você estar na porta de fábrica às 5h da manhã falando: “Bom dia, companheiro! Bom trabalho, companheiro! Como é que foi o domingo, companheiro? O Corinthians perdeu? O Flamengo ganhou? O Vasco empatou?”. Esse contato, na política...

Regina Casé: Por falar nisso, quem trabalha mais: presidente ou metalúrgico?

Presidente: Ah, presidente.

Regina Casé: Bem mais, não é?

Presidente: É. Quando eu era metalúrgico, eu entrava às 7h45 para trabalhar, saía às 6h da tarde, depois a noite era minha, o sábado e o domingo eram meus, tal. Na Presidência, você não tem horário para entrar, você não tem horário para sair, você não tem domingo, você... Toda hora as pessoas acham que você está disponível.

Regina Casé: Isso que eu queria saber (incompreensível). Domingo, para um presidente... seus domingos, como foram?

Presidente: Olha, eu resolvi, Regina, quando ganhei a Presidência, fazer uma espécie de isolamento, meu e da Marisa. Eu fiquei oito anos sem ir a um restaurante, sem ir a um casamento, sem ir a um aniversário, sem ir a uma festa. Eu não fui em um jantar, nem em almoço em lugar nenhum.

Regina Casé: Mas na pescaria...

Presidente: Não, aí eu pesco em casa.



Regina Casé: O pessoal já disse para mim: nem o Ricardo sabe o que ele faz nessa pescaria. Eu falei: será que ele pesca mesmo ou a pescaria é uma metáfora? O que ele fica fazendo com a dona Marisa nessa pescaria?

Presidente: Não, não, não, não. Eu pesco em casa. Nós temos peixe no lago dentro do Alvorada, dentro do Torto nós tínhamos peixe, muito peixe: pintado, pacu, pirarara, piraputanga, dourado, tilápia. Muitos peixes grandes. Tem peixe de 15 quilos, de 20 quilos.

Regina Casé: Está convidado a pescar. Na frente da minha casa tem um sítio, em Mangaratiba, que tem robalo, peixe...

Presidente: Agora vai ser um problema porque os peixes vão lá... se a Dilma não pescar, ela vai ter que falar: “Ô Lula, uma vez por mês venha aqui pescar os seus peixinhos, aqui”. Aí eu fico lá pescando. Desço lá para o laguinho. Quando é lá para meio-dia, a gente pede uma caipirinha, que ninguém é de ferro, né, uma caipirosquinha bem geladinha – uma de lima persa, outra de caju –, toma uma caipirosca.

Regina Casé: A pergunta do Zeca é essa: se o seu primeiro domingo, hoje – dia 2, que é quando vai passar o programa –, o seu primeiro domingo se vai ter muita caipirinha porque agora está liberado, cervejinha...

Presidente: Você sabe...

Regina Casé: ...vai ser um churrasco incrível, que ele quer que você convide, como você foi lá em Xerém. Ó, pode até falar para o Zeca se ele pode. Ele falou: o primeiro domingo já vai ser liberado?



Presidente: Você sabe que eu não sei o que fazer... engraçado, né? É engraçado. Quando você ganha, você sabe o que fazer no dia seguinte. Vai fazer isso, fazer aquilo, você projeta as medidas provisórias que você vai assinar, a lei que você vai assinar, os primeiros decretos. Mas quando você sai, você não projeta nada. Eu, sinceramente, não sei. Eu sei que eu vou dar posse à Dilma no dia 1º, acho que por volta das 4h da tarde, vou passar a faixa para ela, desço a rampa... eu, Marisa, e, se Deus quiser, o José Alencar junto conosco, descemos a rampa, eu pego o avião e venho embora para São Bernardo. Não tem nada programado. Eu quero descansar no domingo em casa, descansar realmente, relaxar...

Regina Casé: Assistir ao “Esquentar!”...

Presidente: Assistir... ai, assistir nós...

Regina Casé: O “Esquentar!”.

Presidente: ...assistir nós na televisão...

Regina Casé: Na hora do almoço a gente vai se ver na televisão.

Presidente: Assistir... e depois, lá pelo dia 3 eu quero sair para descansar uns dias. Aí eu quero tirar uns 15 dias de férias e depois começar a pensar o que eu vou fazer da vida. Eu preciso desencarnar da Presidência, sabia?

Regina Casé: É, isso que eu ia te perguntar: está com medo?

Presidente: Não.



Regina Casé: Mas, na boa, está, assim, assustado? O que dá mais medo: é virar presidente ou deixar de ser presidente?

Presidente: Não, sabe qual é a preocupação, Regina? É o seguinte: eu tive, a vida inteira, uma vida muito intensa. Eu fiquei praticamente de [19]89 a 2002 brigando para ganhar as eleições, até ganhar as eleições. Agora eu estou deixando a Presidência e, sinceramente, eu não sei o que fazer. É a primeira vez que eu estou meio...

Regina Casé: Mas isso não dá um medinho, assim? A agenda está vazia...

Presidente: Não, dá uma inquietação. Não vai ter ninguém para eu xingar no dia 2. Se xingar a Marisa, ela me mete o porrete, então eu não posso xingar. Então, não vai ter ninguém. “Gilberto Carvalho, cadê aquele...”, falando uns palavrões, que, de vez em quando, um palavrão como força de expressão é saudável.

Regina Casé: Mas o sentimento que veio quando você falou: caramba, virei presidente, como é que vai ser? E esse: nossa, depois de oito anos, agora, amanhã eu vou acordar e não tem nada disso?

Presidente: Desvirei presidente.

Regina Casé: Desvirei.

Presidente: Eu não sei como vai ser, depois eu te conto.

Regina Casé: Ah, eu quero saber.



Presidente: Depois eu te conto.

Regina Casé: Aí então já está marcada uma outra entrevista para saber...

Presidente: Eu só quero é desencarnar. Eu acho que levar uns três meses, quatro meses para que eu tire da minha cabeça qualquer coisa de presidente, para não atrapalhar a companheira Dilma, que eu acho que vai ser uma extraordinária presidenta. Eu acho que as mulheres têm que pegar esse cargo com unhas e dentes e fazer valer a luta contra o preconceito, contra a mulher, a luta contra o tratamento, como se fosse de segunda classe. É, na verdade, um orgulho que eu tenho de um metalúrgico passar a Presidência para uma mulher. É uma conquista extraordinária. Você não sabe o orgulho que eu tenho...

Regina Casé: Isso pode trazer a mesma coisa que você falou, em relação aos pobres, de dizer assim “Puxa, se deu certo com ele...”, com as mulheres também...

Presidente: Pode, pode.

Regina Casé: ...de aumentar a autoestima...

Presidente: Pode. Aumentar a autoestima...

Regina Casé: Queria saber uma coisa. Às vezes... bom, eu nunca fui presidenta, mas como eu viajei muito pelo Brasil e viajei pela África, quando eu o via, assim, eu falava: nossa, se eu já sofria, às vezes, muito, com um sentimento de impotência... Você quer mudar aquilo rápido, você quer dar



condição para aquelas pessoas logo. Uma coisa que você falou nesse discurso também, lá na favela do Cantagalo: entre o querer, a vontade de, rapidamente, resolver a vida daquelas pessoas, e o poder fazer, aprovar uma obra, essa sensação de impotência deve ter sido muito difícil, principalmente no começo, até entender como funcionava.

Presidente: Ela é angustiante porque o povo comum não imagina que um presidente tenha dificuldade para fazer uma obra. As pessoas pensam que um presidente pode chegar, fazer um decreto e acabou, está pronta a obra. Não! Hoje, para você fazer uma obra, você tem que ter projeto básico, projeto executivo, tem que ter licença prévia do Ibama. Depois que está tudo... der certinho no Ibama, você tem o Ibama estadual que, às vezes, pode entrar com um processo. Depois você tem o Ministério Público, depois você tem o Tribunal de Contas, depois você tem o Poder Judiciário. É um verdadeiro inferno para fazer uma coisa, e você tem que teimar, tem que brigar para sair.

Regina Casé: Dá a maior angústia, não é?

Presidente: É.

Regina Casé: Porque você vê aquele problema ali...

Presidente: Mas eu sinto... ao mesmo tempo, Regina, eu sinto que se a gente ficar em cima, as coisas saem. Eu estava dizendo esses dias: se a gente fosse olhar... porque nós, brasileiros, aprendemos a... nós aprendemos a nos tratar como se nós fôssemos inferiores, talvez pelo fato de termos sido um país colonizado, primeiro por Portugal, depois pela Inglaterra, depois pelos Estados Unidos. Nós ficamos sempre naquela de que os outros são melhores do que nós.



Regina Casé: A gente estava na periferia do mundo.

Presidente: É, é, é.

Regina Casé: Você acha que o Brasil agora já está no centro?

Presidente: Nelson Rodrigues dizia mesmo: é o complexo vira-lata. É o complexo de que você só é bom se você falar inglês, você só é bom se você falar francês. Você nunca se sentia o ator principal. Não! Nós somos os atores principais. O país será a quinta potência econômica do mundo...

Regina Casé: Então...

Presidente: ...nos próximos dez anos. Se você analisar hoje o mundo, quem está fazendo as maiores quantidades de trilho e de ferrovia no Brasil?... no mundo? É o Brasil. Quem está fazendo mais refinarias no mundo? É o Brasil. Quem tem mais petróleo no pré-sal? É o Brasil. Qual a empresa que está investindo mais dinheiro na prospecção? É a Petrobras. Quem está construindo as maiores hidrelétricas do mundo? É o Brasil. Ora, meu Deus do céu, por que a gente tem que ser pequeno quando a gente pode ser grande?

Regina Casé: O Brasil saiu da periferia do mundo e está no centro.

Presidente: Eu vou te contar uma história, que não é presunção, é um dado real. Eu tinha cinco meses na Presidência e fui convidado pelo Chirac para ir a Evian, numa reunião do G-8. Aqueles homens que eu só via na televisão, só via na televisão, de repente estavam me chamando lá: era Bush, era Tony Blair, era Koizumi, do México [Japão], era o Schroeder, da Alemanha, era o



Chirac, da França. E estava lá o bagrinho, o Lula, lá, parecia uma tilapiazinha deste tamanho assim, um alevino, parecia... Cheguei lá, eu não falava nenhuma língua e, naquela reunião, você só fala com o escutador de ouvido aqui. Aí eu estou lá, mas antes de começar a reunião, a gente estava sentado, eu tinha chegado, cumprimentei todo mundo, e aí entra o Bush. Quando entra o Bush, todo mundo levanta. Eu falei para o Celso: vamos ficar sentados. Ninguém levantou quando eu cheguei, por que nós temos que levantar para receber o Bush? E aí o Bush veio e me cumprimentou normalmente. O que eu queria mostrar? Você não precisa ser lambe-botas, você não precisa ser subserviente para ser respeitado, até porque o ser humano não gosta de quem não se respeita. Não é verdade?

Regina Casé: Verdade, claro.

Presidente: Se você encontra uma pessoa que vai te pedir um favor e, em vez de pedir “Regina, eu queria tal coisa”, começa a te puxar muito o saco, você fala: “Ô, lambe-botas, para com isso”. Não é isso? Então eu acho que a gente ganha respeito assim, e o Brasil ganhou respeito. O Brasil, hoje, você viaja o mundo, você sabe que o Brasil é respeitado.

Regina Casé: Você disse uma coisa, que os formadores de opinião não formam mais opinião nenhuma. A gente sabe... isso é parecido com o discurso que a gente fazia no “Central da Periferia”. A gente viajou muitos anos por todas as favelas – não sei se você assistiu alguma vez – pelo Brasil todo...

Presidente: Muitas vezes.

Regina Casé: ...e favelas do mundo. Então, a gente dizia sempre que as periferias já conversam, já se comunicam entre si, que não precisam mais do



centro. É um discurso parecido. Onde é que você acha que isso vai parar?

Presidente: Olha, é que acabou o tempo, acabou o tempo de o cidadão ser presunçoso e ele achar que porque ele aparece na televisão dando palpite, todo mundo vai segui-lo e ele virou formador de opinião pública. Não é mais verdade. O povo está mais esperto, o povo está procurando outras alternativas. A internet está aí para informar outras coisas para o povo.

Regina Casé: Isso que eu queria saber: você gosta, é bom de computador e internet?

Presidente: E a rádio peão? Você conhece a rádio peão?

Regina Casé: Não, não conheço.

Presidente: Rádio peão é a fofoca que corre no baixo clero da sociedade brasileira, todo mundo sabe de tudo.

Regina Casé: Lula, você sabia que no Brasil, hoje em dia, tem muito mais celular do que gente, né?

Presidente: Eu sei.

Regina Casé: É uma loucura isso. Você gosta de celular? Isso você não gosta.

Presidente: Não, deixa eu te falar.

Regina Casé: Eu já soube que...



Presidente: Eu não uso, eu não uso...

Regina Casé: ...você inventou um móvel para o pessoal deixar o celular do lado de fora. Me conta esse negócio.

Presidente: Deixa eu te contar. Não, é porque o celular hoje é uma arma, não é mais um instrumento de comunicação. O cara entra na tua sala com um celular, ele grava, ele filma. Eu tinha um aparelho que não deixava funcionar o celular na minha sala, mas a cada dia inventavam um celular novo, que desmontava o bloqueador. Eu resolvi tirar o bloqueador e pedir para deixar lá fora. É verdade que você está sempre achando que a pessoa que vai conversar com você é bem-intencionada. E se entra um mau-caráter lá e resolve gravar, resolve fazer qualquer coisa? Então eu preferi que deixasse lá fora.

Regina Casé: Mas eu soube que ele inventou até um negócio que você coloca o celular, tira uma senha, só pega na saída.

Presidente: Não, eu não sei. O pessoal da ajudância de ordens é que cuida. Eu sei que ninguém mais entra com celular no meu gabinete, e é um comportamento de segurança, é segurança.

Regina Casé: Não, mas é mesmo, né?

Presidente: As pessoas que se cuidem. O cara vai à tua casa, você convida uma pessoa para ir jantar na tua casa. Vai que o cara... você pensa que é teu amigo, mas ele tem um ladinho mau-caráter, ele resolve gravar uma cena qualquer...



Regina Casé: Não, e esse negócio, por exemplo, de twitter. A minha irmã foi almoçar na minha casa no dia em que eu estava mudando, ela falou: “Tem um resto de feijoada? Sabe aquela feijoada que fica num pote de sorvete, que congelou, já está velha?”. Aí eu falei: ah, não. Não quero nem lavar prato porque eu estou me mudando. Ela falou: “Não, vou levar”. Abriu, esquentou ali, a gente comeu a feijoada em cima das caixas de mudança. A minha outra irmã, que é toda “internética”, botou no twitter. Perguntaram: “O que você está fazendo?”. Ela falou: “Feijoada delícia na casa da Regina”. No dia seguinte, todo mundo reclamando comigo: “Pô, deu uma feijoada, não me convidou”. A metade do Rio de Janeiro brigou comigo. Era uma lata de sorvete com a feijoada. Esse negócio de celular é brabo.

Presidente: Não, eu acho que a individualidade das pessoas está acabando. Eu brinco muito com o governador do Rio de Janeiro, o Sérgio Cabral, porque você está conversando com ele, ele está sempre assim. O Zé Eduardo, presidente do PT, nem olha na tua cara, ele fica assim. Na campanha, a Dilma estava fazendo discurso, eu falava: Zé, pelo amor de Deus, para com isso, olha a tua candidata falando, pô. Escuta o discurso dela. (incompreensível).

Regina Casé: Reunião da gente também, lá no programa “Esquenta!”, é igualzinho. Fica todo mundo embaixo da mesa (incompreensível). Você pergunta: “Oi?”.

Presidente: O Meirelles, então... o Meirelles, então... eu penso que é coisa boa, que é para saber o preço do dólar, se não vai subir... Mas o Meirelles, você conversa com o Meirelles, o Meirelles é 24 horas por dia aqui, ó, twittando e pegando informações.

Regina Casé: O Gil falou que seus cabelos brancos – ele falou no programa –,



que seus cabelos brancos lhe caíram muito bem. Até que idade você imagina que você vai trabalhar?

Presidente: Primeiro deixa eu contar uma coisa: eu sempre tive vontade de ter cabelo branco.

Regina Casé: É mesmo?

Presidente: É, eu achava bonito. Achava que o cabelo branco dá mais responsabilidade. As pessoas olham para você e falam...

Regina Casé: Com respeito.

Presidente: ...aquele senhor é um senhor... de cabelo branco...

Regina Casé: Mas não adianta: continua essa bagunça. Todo mundo: “Aí, Lula, chega aí”.

Presidente: Eu tenho 65 anos, eu quero morrer trabalhando. Eu não me vejo em casa, eu não me vejo. Eu não consigo ficar... Todo mundo no governo fica puto comigo, puto, porque eu não consigo ficar um feriado de três dias. Eu acho um prejuízo ao país três dias de feriado...

Regina Casé: O Gil disse...

Presidente: ...e tem gente que faz...

Regina Casé: ...exatamente isso, cara, além do cabelo branco. O Gil disse: “Qual é o diferencial do Lula para todos os presidente? É que o Lula gosta de



trabalhar, o Lula demonstra o gosto pelo trabalho”. Foi a segunda coisa que o Gil disse no programa.

Presidente: Eu não consigo ficar em casa.

Regina Casé: Então, olha, você vai assistir, agora, no dia 2, você vai assistir, agora, o depoimento do seu João, que é um conterrâneo nosso, de Caruaru. Minha família toda é de Caruaru. Meu avô é de Belo Jardim. Minha família é toda...

Presidente: Você sabe que Caruaru hoje já tem universidade, né?

Regina Casé: É.

Presidente: Tem universidade.

Regina Casé: E tem uma sala de informática que chama Ademar Casé lá.

Presidente: Merecida.

Regina Casé: É verdade. Na sala da minha casa tem a bandeira de Belo Jardim, que é para não esquecer de onde a gente vem, né?

Presidente: É isso.

Regina Casé: Então, você vai ver o seu João. O seu João mandou um depoimento lindo para você. Eu conheço ele há muitos anos, ele é carregador de mala do aeroporto Santos Dumont. Como eu trabalho muito em São Paulo, eu chego cansadona, e o cara que leva a minha mala, pesada, de figurino,



sabe quantos anos ele tem, Lula, o seu João? Oitenta e sete anos.

Presidente: Maravilha.

Regina Casé: Trabalha todos os dias no aeroporto levantando malas. Ele vai falar com você, você vai ver, lá no dia 2, comendo churrasco em São Bernardo, o que o seu João mandou dizer. Várias pessoas mandaram recado. Tem um menino pequenininho, que é de Nilópolis, da Beija-Flor, que é o Pedro, que trabalha com a gente, que mandou perguntar o seguinte “Ô Lula...”, mandou fazer um pedido: “Lula, por que você não adia essas suas férias?”. Se quiser mandar um recado...

Presidente: Não, eu estou quase pedindo para a Dilma fazer um decreto prorrogando mais uns três meses a (incompreensível).

Regina Casé: E o Adilson, que é um operário que trabalha na obra em frente à minha casa, que é muito amigo nosso, ele também mandou uma pergunta: “Vem cá, Lula, eu não estou querendo saber dessas suas férias. Eu estou querendo saber o que você vai fazer depois das férias? Você vai voltar, Lula? Volta”. Foi o que o Adilson pediu.

Presidente: Eu vou...

Regina Casé: Pode mandar um recado para o Adilson.

Presidente: Eu vou andar muito o Brasil, ô Regina. Eu vou continuar fazendo política, eu quero trabalhar para ajudar que tenha a reforma política, que ela passe no Congresso Nacional, e vou continuar viajando o Brasil. Quero fazer, eu não sei se caravanas, como eu fazia antes. Vou fazer um memorial da



Presidência, do tempo do meu mandato e da história porque ela começa em [19]75, no Sindicato de São Bernardo. Nós temos um grande arquivo no Sindicato. Eu vou tentar fazer um memorial para que, no futuro...

Regina Casé: Aproveita e me ajuda...

Presidente: ...se conheça...

Regina Casé: ...a fazer aquele museu, que você achou que eu estava tão animada, com tanto tesão... Aquele... Agora você tem tempo? Vamos fazer o museu (incompreensível).

Presidente: Não, eu tenho tempo e é mais fácil pedir as coisas agora, porque quando você é presidente você não pode fazer nada.

Regina Casé: Tudo bem, eu vou pegar seu telefone.

Presidente: Então nós vamos trabalhar, e eu quero fazer isso.

Regina Casé: Vamos trabalhar.

Presidente: Então, vou viajar um pouco para o exterior. Eu quero ajudar um pouco, levar as experiências bem-sucedidas do Brasil para países da América Central, para países africanos. Vamos ver. Eu só quero, só quero tomar decisão daqui a uns quatro meses, para não tomar decisões precipitadas e erradas. Eu vou me cuidar direitinho.

Regina Casé: Eu tenho algumas perguntinhas dessas outras pessoas. A Preta, ele acabou de responder, Preta. Preta perguntou qual ia ser seu próximo



trabalho, como é que você ia dar continuidade não estando na Presidência. Preta Gil, filha do Gil. Queria saber o que você ia fazer agora. Então ele já respondeu. O Adilson também, o Pedro. Mas então, os três, todo o tempo que eu falava “fala com o Lula”, eles não falavam nada sério. Eles falavam: “Só quero saber se vai ter cerveja, caipiríssima, se vai ter pagode, agora que ele está de férias”.

Presidente: Deixa eu falar uma coisa. Mas, falar uma coisa para os companheiros. Eu não vou fazer churrasco no dia 2 porque eu estou desencarnando. Agora, é o seguinte. Ontem eu conversei... Esta semana eu conversei com o prefeito e pode ficar certo, ô Zeca Pagodinho, por minha conta nós vamos fazer, um sábado, uma cervejada e um churrasco na Gávea Pequena, na casa do prefeito, que é para a gente... se você tomar muito, já vai para casa. Eu até te levo em casa, pronto.

Regina Casé: Aí chama o Arlindo...

Presidente: É, chamar o Arlindo, chamar o Gil. Não, eu quero chamar outros companheiros também para participar.

Regina Casé: Mas pode convidar agora, (incompreensível).

Presidente: Vai ser... o prefeito já sabe que ele está compromissado a nos convidar para um churrasco, uma cervejada na Gávea Pequena.

Regina Casé: Eu já estou me considerando convidada.

Presidente: Está convidada.



Regina Casé: Estou dentro. Levo o pessoal do samba todo, do “Esquenta!”.

Presidente: Isso.

Regina Casé: Todo mundo para lá, vai ser maravilhoso.

Presidente: Vamos. Aí quem sabe eu aprenda a tocar timba, que é uma das vontades que eu tinha é de tocar timba, nunca aprendi a tocar. Vou ver se eles me ensinam.

Regina Casé: Lula, você vai continuar vindo para o Rio direto? Isso também foi uma grande...

Presidente: Vou.

Regina Casé: ...diferença. Há muito tempo que um presidente não tinha tanta ligação com o Rio. A gente conversou isso também quando se encontrou da outra vez.

Presidente: Foi muito importante essa parceria entre o governo do estado, a prefeitura e o governo federal. Acho que nunca houve isso.

Regina Casé: Essa triangulação...

Presidente: Nunca houve isso.

Regina Casé: ...realmente foi forte.

Presidente: Essa triangulação é perfeita. O prefeito e o governador têm uma



capacidade enorme de fazer os projetos. Eu digo sempre o seguinte: quem quiser dinheiro do governo federal, tem que apresentar projeto. Não é discurso, é projeto. Se o projeto for convincente, não há como a gente negar dinheiro, não há como a gente negar dinheiro. Você vai buscar dinheiro para poder financiar aquele projeto. E eu sempre achei, Regina, que o Rio de Janeiro... que o Brasil tem dívida com o Rio de Janeiro porque isto aqui já foi capital do Brasil, isto aqui já foi a Coroa. É o único país colonizado do mundo em que o rei veio morar aqui, ou seja, era a colônia mandando no colonizador.

Regina Casé: É a cara do Brasil. A história do Brasil se escreveu muito aqui.

Presidente: É. Então eu penso que o Rio perdeu o fato de ser capital, depois perdeu o estado da Guanabara, e o Rio começa a se recuperar. Eu sinto que a autoestima do povo carioca é uma coisa que está... eu ando na rua, eu sei que as pessoas estão mais pomposas, estão mais dizendo... mais orgulhosas de si próprias, vendo as coisas acontecerem. E eu acho que o Sérgio e o prefeito têm feito um trabalho extraordinário, e naquilo... eu disse ao Sérgio: olha, fique tranquilo que a Dilma vai dar ao Rio de Janeiro o mesmo tratamento que eu dei. A gente vai cuidar de todo mundo com carinho, e do Rio de Janeiro, em especial, porque isto aqui... quando a gente fala do Brasil no mundo, isto aqui é a cara do Brasil, é a cara do Brasil.

Regina Casé: Bom, ainda dá tempo até para 2016. Se voltar em 2014, ó, já participa. Vai ter muito evento aqui para fazer.

Presidente: Não.

Regina Casé: Das pessoas que perguntaram, eu lembrei do Pedro, do Adilson, do Gil, da Preta...



_____ : (incompreensível)

Regina Casé: Ah, é. Que agora você não sabe o que vai fazer, “deixa a vida me levar”. Então espera aí, deixa... Zeca, o Lula quer pedir uma música para você que é a cara desse momento que ele está vivendo. No dia 1º, passou a faixa para a Dilma e aí...

Presidente: E aí eu vou ficar muito à vontade, Zeca, nós vamos poder tomar a nossa cerveja. Ninguém vai se importar conosco tomando uma cervejinha, e aí eu vou pedir para você cantar “Deixa a vida me levar”. Depois que você cantar “Deixa a vida me levar”, eu vou pedir para você cantar “Verdade”, e aí nós paramos de cantar e vamos beber uma cervejinha.

Regina Casé: Eu tenho mais uma pergunta, mas essa a gente vai ter que fazer em pé. Tem que mudar a câmera? Lula, essa foi a pergunta que eu mais gostei. Sabe quem é o Renatinho Sorriso, que é gari, que sempre desfila na Sapucaí com todos os garis da Comlurb, de roupa laranja?

Presidente: Sei.

Regina Casé: Ele abre... Ele viajou o mundo inteiro mostrando o samba do Brasil, que ele varria a rua com essa alegria que você diz, varrendo com a vassoura, e tal, e ficou famosão. Aí a pergunta do Renatinho, que você vai ver no dia 2, é assim: “Lula, tu sabe sambar no pé? Diz aí que eu quero ver”.

Presidente: Não sei, não sei. Ô Renatinho, me ensina, pelo amor de Deus. Você sabe que uma coisa que... Duas coisas que eu tenho, assim, uma frustração. Uma é tocar violão. Ah, como eu adoraria tocar violão! Cantar para



mim mesmo.

Regina Casé: Agora vai ter tempo.

Presidente: E a outra era dar aqueles passinhos no pé que eu vejo as pessoas darem no Carnaval.

Regina Casé: Não, vamos tentar.

Presidente: Não, eu não sei, eu não sei, eu não sei.

Regina Casé: Não, é bem simples: um para frente, um para trás.

Presidente: Mas eu não sei. Eu já tentei na frente da televisão, já fiquei tentando, não dá.

Regina Casé: Já?

Presidente: Mas eu vou aprender.

Regina Casé: Agora tem tempo. Vai lá no “Esquenta!” aprender.

Presidente: Eu vou no “Esquenta!” aprender.

Regina Casé: Muito obrigada. Adorei conversar com você.

Presidente: Regina, boa sorte, querida. Que Deus...

Regina Casé: Para você também.



Presidente: ...te dê um 2011 maravilhoso...

Regina Casé: Para você também.

Presidente: ...e que o teu programa tenha sucesso.

Regina Casé: Obrigada. Tudo de bom para você também.

Presidente: Um grande beijo, querida.

(\$31DHJLP)